

MURIEL BARBERY

A vida dos elfos

Tradução
Rosa Freire d'Aguiar



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2015 by Éditions Gallimard

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
La Vie des elfes

Capa
Kiko Farkas e André Kavakama/ Máquina Estúdio

Preparação
Ana Cecília Agua de Melo

Revisão
Renata Lopes Del Nero
Márcia Moura

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Barbery, Muriel
A vida dos elfos / Muriel Barbery ; tradução Rosa Freire
d'Aguiar. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2015.

Título original: La Vie des elfes.
ISBN 978-85-359-2647-7

1. Ficção francesa 1. Título.

15-08008

CDD-843

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura francesa 843

[2015]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

NASCIMENTOS

A menina das Espanhas, 11

A menina das Itálias, 23

ARQUEIROS

Angèle — *As flechas pretas*, 39

Gustavo — *Uma voz de morte*, 53

Vila Acciavatti — *Conselho élfico restrito*, 69

Maria — *A lebre e o javali*, 71

Leonora — *Tanta luz*, 89

Pavilhão das Brumas — *Conselho élfico restrito*, 107

Eugénie — *Todo o tempo da guerra*, 108

Raffaele — *Esses criados*, 122

Pavilhão das Brumas — *Conselho élfico restrito*, 133

Clara — *Que pegue terços*, 134

Pietro — *Um grande marchand*, 141

Vila Acciavatti — *Conselho élfico restrito*, 153

O padre François — *Nesta terra*, 155

Alessandro — *Os pioneiros*, 167
Pavilhão das Brumas — *Conselho élfico restrito*, 182
André — *À terra*, 183
Teresa — *As irmãs Clemente*, 201
Pavilhão das Brumas — *Conselho élfico restrito*, 210
Rose — *As linhagens do céu*, 211
Petrus — *Um amigo*, 222
Pavilhão das Brumas — *A metade do Conselho das Brumas*, 231

GUERRA

Eugène — *Todos os sonhos*, 237
Conselho das Brumas — *A metade do Conselho das Brumas*, 262

Agradecimentos, 264

NASCIMENTOS

A menina das Espanhas

A menina passava nos galhos o essencial de suas horas de lazer. Quando não sabiam onde encontrá-la, iam até as árvores, primeiro até a grande faia que dominava o alpendre norte e onde ela gostava de sonhar observando o movimento na granja, depois até a velha tília do jardim do padre, ao lado da muretinha de pedras, e finalmente, e em geral era no inverno, até os carvalhos do vale oeste do campo vizinho, uma ondulação do terreno plantada com três espécimes como não havia mais bonitos naquela terra. A menina se escondia nas árvores todo o tempo que conseguia roubar de uma vida de aldeia feita de estudo, refeições e missas, e de vez em quando convidava uns amiguinhos que se deslumbravam com as esplanadas leves que ela abria ali em cima e onde passavam dias maravilhosos conversando e rindo.

Uma noite em que estava num galho baixo do carvalho do meio, quando a várzea se enchia de sombra e ela sabia que iam buscá-la para voltar para a casa quentinha, resolveu cortar pelo

pasto e ir cumprimentar os carneiros do vizinho. Partiu pela bruma nascente. Conhecia cada torrão de mato num perímetro que ia dos contrafortes da granja de seu pai até as fronteiras da granja do Marcelot; poderia fechar os olhos e localizar, como se localizam estrelas, os calombos nos campos, juncos no riacho, pedras nos caminhos e declives suaves; mas em vez disso, e por um motivo especial, arregalou os olhos. A poucos centímetros, alguém andava pela bruma, e essa presença provocava em seu coração um estranho aperto, como se o órgão se dobrasse sobre si mesmo, levando-lhe curiosas imagens — e viu um cavalo branco numa vegetação rasteira avermelhada e um caminho pavimentado de pedras pretas que brilhavam sob as folhagens altas.

É preciso dizer que criança ela era no dia desse acontecimento extraordinário. Os seis adultos que viviam na fazenda — o pai, a mãe, as duas tias-avós e duas primas mais velhas — a adoravam. Havia nela um encantamento que não parecia aquele das crianças que viveram primeiras horas clementes, essa espécie de graça nascida da boa mistura da ignorância e da felicidade, não, era mais um halo irisado que se via quando ela se mexia e que os espíritos forjados nos pastos e bosques comparavam com as vibrações das grandes árvores. Além dela, só a tia mais velha, devido a um poderoso pendor pelo que não tem explicação, pensava que a menina tinha algo mágico, mas o que se dava por certo é que ela se movia de um jeito inabitual para uma criança tão pequena, levando consigo um pouco da invisibilidade e do tremor do ar, como fazem as libélulas ou as folhinhas ao vento. No mais, era muito morena e muito viva, um pouco magra mas com muita elegância; os olhos eram como duas obsidianas faiscantes; a pele fosca, quase cor de bistre; uma vermelhidão em círculo, no alto das maçãs do rosto um pouco esclavas; por fim, lábios mui-

to bem delineados, e da cor de sangue fresco. Um esplendor. E que temperamento! Sempre correndo pelos campos, jogando-se na relva e olhando para o céu grande demais, cruzando de pés descalços o riacho, mesmo no inverno, pelo frescor ou pela ardência, e narrando para todos, com a seriedade de um bispo, as façanhas grandes e pequenas de seus dias ao ar livre. Some-se a isso uma ligeira tristeza, comum às almas cuja inteligência transborda a percepção e que, pelos indícios visíveis em todo canto, mesmo nos lugares protegidos, embora muito pobres, onde ela cresceu, já pressentem as tragédias do mundo. Assim, foi essa jovem plantinha ardente e secreta que sentiu perto de si, na bruma das cinco horas, a presença de um ser invisível que ela sabia, com mais certeza que a do padre pregando que Deus existia, ser ao mesmo tempo amigável e sobrenatural. Portanto, não sentiu medo. Ao contrário, bifurcou na direção dele, que andava na rota que ela decidira antes, a dos carneiros.

Alguma coisa pegou sua mão. Era como se tivessem enrolado numa palma larga uma meada macia e morna que formava uma pinça suave na qual sua própria mão se afogava, mas nenhum homem poderia ter esse aperto de mão, com cheios e vazios que ela sentia através do novelo sedoso, como se fosse a pata de um javali gigante. Nesse instante, eles dobraram à esquerda, quase em ângulo reto, e ela entendeu que se dirigiam para o pequeno bosque que contornava os carneiros e a granja do Marcelot. Havia ali um terreno baldio com um belo matagal cerrado e úmido que subia por uma ladeira suave e depois ia dar na colina por uma passagem em zigue-zague, até cair num lindo bosque de álamos cheio de morangos e pervincas formando um tapete: era onde, não fazia muito tempo, cada família tinha direito de cortar lenha na mata quando caíam as primeiras neves; infelizmente,

agora esse tempo passou, mas hoje não se falará dele, por tristeza ou por esquecimento, e porque nessas alturas a menina corre ao encontro de seu destino mantendo bem apertada a pata de javali gigante. Essa noite se passou no outono, que, fazia muito tempo, não se conhecia tão clemente. Tinham atrasado a hora de pôr as maçãs e peras para enrugar nas esteiras de madeira do porão, e o dia inteiro choviam insetos inebriados pela grande colheita do pomar. Além disso, havia no ar como que um langor, um suspiro indolente, uma certeza inerte de que as coisas jamais terminariam, e se os homens trabalhassem como de costume, sem descanso e sem se queixar, desfrutariam secretamente desse interminável outono que lhes dizia para não se esquecerem de amar.

Ora, eis que a menina se dirige para a clareira do bosque do leste e que se produz outro acontecimento inesperado. Começa a nevar. Começa a nevar para valer, e não com esses floquinhos tímidos que ficam felpudos no ar cinzento e mal parecem pousar no chão, não, começa a nevar flocos densos, grandes como brotos de magnólia e que se ajudam mutuamente para formar uma cortina bem opaca. Na aldeia, lá pelas seis da tarde todos foram surpreendidos; o pai, que rachava sua lenha vestindo uma simples camisa de cotim, o Marcelot, que desentorpecia a matilha lá para os lados do lagunho, a Jeannette, que sovava seu pão, e outros mais que, naquele fim de outono, sonhando com a felicidade perdida, vagavam, iam e vinham no couro, na farinha e na palha; sim, todos se impressionaram, e agora fechavam os trincos das portas dos estábulos, entravam com os carneiros e os cachorros e se preparavam para o que faz quase tão bem quanto as belas lassidões do outono: para o primeiro serão ao pé da lareira, quando lá fora neva como o diabo.

Preparavam-se e pensavam.

Pensavam, no caso dos que se lembravam, num fim de dia de outono, dez anos antes, em que a neve caíra de repente como se o céu se esboroasse de vez em lasquinhas imaculadas. E, singularmente, pensavam nisso na granja da menina, onde acabavam de descobrir que ela não estava em casa e onde o pai enfiara o boné de pele e um casaco de caça que fedia a naftalina a cem metros.

— Que eles não venham nos tomá-la de novo — ele murmurou antes de desaparecer na noite.

Bateu às portas das casas da aldeia onde se encontravam outros granjeiros, o mestre correeiro e o seleiro, o prefeito (que também era o chefe dos cantoneiros), o guarda-florestal e mais uns outros. Por todo lado só teve uma frase para dizer: está faltando a pequerrucha, antes de sair de novo para a porta seguinte, e atrás dele outro homem vituperava, com seu casaco de caça ou seu paletó dos frios intensos, se equipava e se enfiava na tempestade, rumo à próxima casa. Foi assim que eles chegaram a quinze na casa do Marcelot, cuja mulher já preparara uma fritada de toucinho e uma jarra de vinho quente. Deram cabo de tudo aquilo em dez minutos entrecortados de instruções de batalha não tão diferentes das que acompanhavam as manhãs de caça, a não ser o fato de que o trajeto dos javalis não tinha mistério mas a menina, essa sim, era mais imprevisível que um duende. Simplesmente, o pai, como todos os outros, tinha um palpite, pois ninguém acredita em coincidências naquelas paragens onde o bom Deus e a lenda formam uma boa dupla e onde se desconfia que eles tenham truques que o homem das cidades há muito esqueceu. Aqui na nossa terra, saibam vocês, só raramente a gente apela à razão para ajudar os náufragos, pois em geral contam o olho, o pé, a intuição e a perseverança, e era o que eles faziam naquela noite, porque se lembravam de uma noite parecida, exatos dez anos antes, em que subiram a passagem da montanha indo

à procura de alguém cujos vestígios levavam direto à clareira do bosque do leste. Ora, o que o pai mais temia era que, quando chegassem lá em cima, os rapazes apenas conseguissem arregalar os olhos, se benzer e sacudir a cabeça, exatamente como haviam feito quando os vestígios desapareceram abruptamente no meio do círculo e eles se viram contemplando uma neve lisa como pele de recém-nascido e um lugar virgem e mudo onde ninguém, todos os caçadores seriam capazes de jurar, tinha passado nos últimos dois dias.

Vamos deixá-los subir, no meio do vento glacial da tempestade de neve.

A menina, por sua vez, chegou à clareira. Neva. Ela não sente frio. Quem a levou ali fala com ela. É um grande e belo cavalo branco com pelo fumegante na noite que espalha uma bruma clara em todas as direções do mundo — para o oeste, onde o Morvan fica azulado, para o leste, onde se fez a colheita sem um pingo de chuva, para o norte, onde se estende a planície, e para o sul, onde os homens estão pensando na montanha, com neve até o meio das coxas e um coração fatiado de angústia. Sim, um grande e belo cavalo branco com braços e pernas, e esporões também, e que não é nem um cavalo, nem um homem, nem um javali, mas uma síntese dos três, embora sem partes unidas — a cabeça do cavalo se torna, por instantes, a de um homem, ao mesmo tempo que o corpo se alonga e se enfeita com cascos que se retraem como patas de um pequeno porco selvagem e depois crescem até se tornar as de um javali, e isso continua indefinidamente, e a menina assiste, concentrada, a essa dança das essências que se convocam e se misturam traçando o passo do sa-

ber e da fé. Ele fala com ela, baixinho, e a bruma se transforma. Então, ela vê. Não entende o que ele diz mas vê uma noite de neve como aquela, na mesma aldeia onde fica sua granja, e na soleira da porta há uma forma branca pousada sobre o branco da neve. E essa forma é ela.

Não há uma alma que não se lembre disso toda vez que cruza com essa menina vibrante como um pintinho, de uma vida pura que a gente sente palpitar até nos ombros e no coração. Foi a tia Angèle que, na hora de ir recolher as galinhas, encontrara a pobrezinha que olhava para ela com seu rostinho cor de âmbar devorado por olhos pretos tão visivelmente humanos que ela ficou ali, com o pé no ar, antes de se recuperar e gritar *uma criança na noite!* e, depois, apertá-la contra si para entrar com a menina que fora poupada dos flocos, embora continuasse a nevar tremendamente. Um pouco mais tarde, naquela noite, a tia declararia: *foi que nem eu acreditar que o bom Deus estava falando comigo*, e depois se calaria com a sensação embaralhada de que era impossível expressar o transtorno das curvas do mundo que passara pela descoberta da recém-nascida em seus cueiros brancos, ou a fissão deslumbrante das possibilidades em caminhos desconhecidos que rugiam na noite de neve, enquanto se retraíam e se contraíam os espaços e os tempos — mas pelo menos ela sentira isso, e entregava ao bom Deus o cuidado de entender.

Uma hora depois de Angèle descobrir a menina, a granja estava cheia de aldeões que deliberavam, e o campo, de homens que iam atrás de um vestígio. Seguiam a pista dos passos solitários que partiam da granja e subiam para o bosque do leste, mal

e mal pisoteando uma neve em que, porém, se afundavam até o quadril. O que se seguiu é conhecido: chegando à clareira, pararam a perseguição e voltaram para a aldeia, carregados de um espírito um tanto sombrio.

— Tomara que — disse o pai.

Ninguém disse mais nada, mas todos pensaram na desafortunada que, talvez; e se benzeram.

A menina observava tudo aquilo do fundo de cueiros de cambraia fina, com rendas de uma confecção desconhecida naquela terra, e na qual havia bordadas uma cruz que aqueceu o coração das vovozinhas e duas palavras numa língua desconhecida, que as assustaram muito. Duas palavras nas quais se concentrou a atenção de todos, em vão, até que chegasse o Jeannot, funcionário dos correios que, pelas circunstâncias da guerra, aquela de que vinte e um homens da aldeia não haviam retornado, e pela qual havia um monumento defronte da prefeitura e da igreja, fora outrora até muito longe no território que chamavam de Europa — e que não tinha outra localização, no espírito dos salvadores, senão a das manchas rosa, azuis, verdes e vermelhas do mapa da sala da prefeitura, pois o que é a Europa quando fronteiras rígidas separam aldeias que só se cruzam com outras a três léguas?

Ora, o Jeannot, que acabava de chegar todo coberto de flocos e a quem a mãe tinha servido um café com um copázio de pinga, olhou para a inscrição bordada com linha de algodão acetinado e disse:

— Santo Deus, é espanhol.

— Tem certeza? — perguntou o pai.

O rapagão balançou vigorosamente um nariz todo embrumado de aguardente.

— E quer dizer o quê? — perguntou também o pai.

— Sei lá! — respondeu o Jeannot, que não falava estrangeiro.

Todos balançaram a cabeça e digeriram a notícia com a ajuda de mais uma dose de pinga. Então era uma menina que vinha das Espanhas? Essa não.

Enquanto isso, as mulheres, que não bebiam, tinham ido buscar a Lucette, que acabava de sair do parto e no momento dava seu leite a dois pequenotes aninhados contra dois seios tão brancos como a neve lá fora, e todos olhavam sem um pingo de malícia para aqueles dois seios belos como pães de açúcar e que a gente tinha vontade de chupar, igualzinho, sentindo que uma espécie de paz se fazia no mundo porque havia ali dois bebês pendurados em tetas nutrizes. Depois de ter mamado bastante, a menina deu um lindo arrotinho, redondo como uma bola e tão sonoro como um campanário, e todos caíram na risada e se deram fraternalmente tapinhas no ombro. Relaxaram, a Lucette ajustou seu corpete e as mulheres serviram patê de lebre sobre grossas fatias de pão torradas na banha de ganso, porque sabiam que era este o pecado do senhor padre e tinham em mente manter a senhorita numa casa cristã. Aliás, aquilo não causou os problemas que causaria em outro lugar se uma menina hispânica fosse dar as caras assim, na soleira da porta de um fulano qualquer.

— Pois é — disse o pai —, tenho cá por mim que a menina está se sentindo em casa — e olhou para a mãe, que lhe sorriu, e olhou para cada um dos convivas cujo olhar saciado se detinha nos recém-nascidos instalados sobre um cobertor ao lado da grande estufa, e olhou enfim para o senhor padre que, aureolado de patê de lebre e banha de ganso, se levantou e se aproximou da estufa.

Todos se levantaram.

Não repetiremos aqui uma bênção de padre do interior; todo aquele latim, quando na verdade gostaríamos muito de saber um pouco de espanhol, nos deixaria muito atrapalhados. Mas se levantaram, o padre benzeu a menina e todos souberam que a

noite de neve era uma noite de graças. Lembavam-se do relato de um antepassado que lhes falara de uma geada de morrer de pavor, tanto quanto de frio, quando estavam na última campanha, aquela que os tornaria vitoriosos e condenados para sempre à lembrança de seus mortos — a última campanha, quando as colunas avançavam num crepúsculo lunar no qual esse antepassado já não sabia se os caminhos de sua infância tinham algum dia existido, e aquela avelaneira da curva, e os enxames do dia de são João, não, ele já não sabia nada, e todos os homens como ele, pois fazia tanto frio por lá, tanto frio... não é possível imaginar o que foi aquele destino. Mas na aurora, depois de uma noite de desgraça em que o frio derrubava os bravos que o inimigo não conseguira matar, começara de repente a nevar, e aquela neve... aquela neve era a redenção do mundo, pois já não gelaria sobre as divisões e breve todos sentiriam na frente a tepidez insigne e milagrosa dos flocos de um tempo mais clemente.

A menina não sentia frio, tampouco os soldados da última campanha ou os homens que tinham chegado à clareira e, quietos como cães à espreita, contemplavam a cena. Mais tarde, não se lembrarão claramente daquilo que veem tão nitidamente em pleno dia, e a todas as perguntas responderão no tom vago de quem busca dentro de si uma lembrança embaralhada. Quase o tempo todo dirão apenas:

— Tinha a pequerrucha no meio de um vento desgraçado de tempestade de neve mas ela estava viva e bem quentinha, e conversava com um bicho que depois foi embora.

— Que bicho? — perguntarão as mulheres.

— Ah, um bicho — responderão.

E como estão na terra onde o bom Deus e a lenda etc., se limitarão a essa resposta e apenas continuarão a vigiar a criança como o próprio Santo Sepulcro.

Era um bicho singularmente humano, como todos sentiam ao observar ondas tão visíveis como a matéria rodopiarem em torno da menina, e era um espetáculo desconhecido que provocava um curioso arrepio, como se de repente a vida se abrisse ao meio e fosse possível enfim olhar lá dentro. Mas o que se vê dentro da vida? Veem-se árvores, bosque, neve, uma ponte talvez, e paisagens que passam sem que o olho consiga detê-las. Veem-se a labuta e a brisa, as estações do ano e as fainas, e todos veem um quadro que só pertence a seu coração, uma correia de couro dentro de uma lata de folha de flandres, um pedacinho de campo onde há legiões de espinheiros, o rosto enrugado da mulher amada e o sorriso da menina que conta uma história de rãs-das-moitas. Depois, não veem mais nada. Os homens se lembrarão de que o mundo tornou a cair abruptamente a seus pés numa deflagração que deixou todos eles vacilantes — em seguida, viram que a clareira estava limpa de brumas, que ali nevava a ponto de a gente se afogar e que a menina permanecia sozinha no meio do círculo onde não havia outros vestígios além dos seus. Então todos tornaram a descer até a granja onde instalaram a criança diante de uma tigela de leite escaldante e onde os homens se livraram às pressas de suas espingardas, porque havia um ensopado de boletos com patê de cabeça de porco e dez garrafas de vinho de reserva.

Eis a história da menina que segurava bem apertada uma pata de javali gigante. Na verdade, ninguém saberia explicar totalmente seu significado. Mas é preciso dizer mais uma coisa, quais eram as duas palavras que estavam bordadas no avesso da cambraia branca, num belo espanhol sem complemento nem lógica, e que a menina aprenderá quando já tiver abandonado a aldeia e desencadeado as manobras do destino — e antes disso também é preciso dizer outra coisa: todo homem tem o direito de conhecer o segredo de seu nascimento. É assim que se reza

em nossas igrejas e em nossos bosques e alguém vai correr o mundo porque nasceu na noite de neve e herdou duas palavras que vêm das Espanhas.

*Mantendré siempre.**

* Mantereí sempre. [Esta e as demais notas são da autora.]